

Imprensa e CT&I no Vale do Paraíba: o jornalismo científico na visão dos editores¹

Kátia Zanvettor Ferreira²

Milena Cristina Peres³

Ana Carolina Serapião, Milena Bento⁴

Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP

RESUMO

Este estudo surge da continuidade da pesquisa “CT&I em notícia”, encerrada em 2018, que contou com apoio do CNPq via edital Universal e buscou compreender a presença da ciência na pauta do jornalismo da região do Vale do Paraíba. O presente trabalho tem como objetivo resgatar os dados finais do estudo anterior para pautar o novo foco de investigação: o que editores dos principais veículos de comunicação do Vale pensam sobre jornalismo científico. Para isso, a pesquisa foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas e, posteriormente, contou com a análise do material colhido para identificar padrões e traçar categorias que explicam o cenário desta compreensão a respeito do objeto de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Científico; Divulgação Científica; Vale do Paraíba.

TEXTO DO TRABALHO

A pesquisa anterior que instigou o início desta investigação (MARIOTO; ZANVETTOR, 2018) procurou compreender a ciência no jornalismo na região do Vale do Paraíba por meio de análise de conteúdo (Bardin, 2004), trabalhando em identificar as palavras-chave Ciência, Tecnologia, Inovação e Pesquisa, nos veículos de comunicação TV Vanguarda, Portal G1 – Vale do Paraíba, Revista MetrÓpole Online (do grupo Meon de Comunicação) e jornal O Vale, em matérias selecionadas entre os

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Professora, Dra. Em Educação e coordenadora do grupo de pesquisa Labcom Univap, e-mail: katia.zanvettor@gmail.com

³ Jornalista, mestranda em Divulgação Científica e Cultural pela Unicamp, pesquisadora do Labcom Univap, e-mail: milenacp1005@gmail.com

⁴ Alunas colaboradoras do Labcom Univap, e-mail: labcomunivap@gmail.com

anos de 2015-2016 (no caso da Revista Metrópole Online) e 2016 – 2017 (para os demais veículos).

Os resultados mostraram que o segmento em CT&I mais abordado nas reportagens é a tecnologia. Entre os veículos estudados, o Jornal O Vale é o que mais abre espaço para esse conteúdo.

A pesquisa concluiu que o espaço dedicado ao jornalismo científico nos veículos de comunica o é um espaço breve e pautado em uma visão utilitarista da ciência que faz com que as matérias se tornem superficiais e pouco atrativas. Não há, ainda, uma preocupa o dos textos jornalísticos com métodos e procedimentos científicos ou tão pouco situar o discurso científico em meio ao debate epistemológico mais amplo (Romanelli, R; Schneider, M, 2014). A pesquisa também não identificou nenhum tipo de trabalho de conexão entre a pesquisa científica e a cultura científica. Isso significa que as pesquisas abordadas nas reportagens analisadas não foram apresentadas a partir de um trabalho de problematiza o histórica da produ o do campo científica a qual ela esta inserida.

Os dados foram considerados e a percep o a partir da análise dos dados foi a de que o conceito de jornalismo científico ainda não é totalmente aproveitado pelos veículos da região do Vale do Paraíba e, inclusive, falta uma percep o sobre o potencial econ mico do campo e sobre o interesse do público em matérias de ciência.

A partir deste estudo quantitativo e qualitativo dos textos jornalísticos publicados por veículos de São José dos Campos e Região podemos inferir que o espaço para a ciência no jornalismo regional ainda   baixo e que há um potencial real de crescimento, considerando o perfil da região. A partir desses dados, novas hipóteses podem ser levantadas para explicar o cenário atual e, em contrapartida, ajudá-lo a avançar. (MARIOTO; ZANVETTOR, 2018)

Por último, a partir das conclusões o estudo sugere a hipótese que, dados os resultados, pode haver uma rela o entre o não contato com jornalismo científico na forma o acadêmica inicial do jornalista que cobre ciência e a dificuldade de ampliar a cobertura em uma perspectiva mais problematizadora e menos funcionalista, sendo uma boa estratégia, assim, a cria o de projetos que atuem na forma o continuada dos profissionais.

Considerando este cenário e a hipótese final sugerida no último trabalho, o presente estudo procurou dar continuidade na busca pelo entendimento dos

desdobramentos do jornalismo científico no Vale do Paraíba a partir da visão e percepção do tema pelo olhar dos editores dos veículos jornal da região do Vale. O objetivo final deste estudo é compreender a validade das hipóteses levantadas por meio das entrevistas com editores de todos os veículos de comunicação da região do Vale, bem como jornalistas freelancers da área, contudo, neste artigo apresentamos parte destes resultados, iniciando com três principais veículos de comunicação: O Vale, Portal Meon – Metrópole Online e TV Vanguarda. Com isso, queremos compreender, ainda que em parte, como os sujeitos que atuam diretamente nas redações enxergam a cobertura de ciência dos seus veículos, o interesse em ciência do seu público e qual é a força que esta editoria carrega (ou não), dentro dos veículos de imprensa.

METODOLOGIA

O início da investigação se deu a partir de entrevistas semiestruturadas com os três editores participantes da pesquisa. A entrevista é um processo de interação social, por meio do qual o entrevistador busca captar informações do entrevistado através de um roteiro que contém tópicos em torno de um assunto central (Haguette, 1995). Minayo (1994) acredita que a entrevista privilegia a obtenção de informações por meio da fala individual que revela, a partir de um porta-voz, a representação de um grupo.

Optamos pela entrevista semiestruturada porque ela permite, além da possibilidade de discorrer sobre pontos previamente selecionados, a possibilidade de falar livremente, acrescentando tópicos que venham a surgir apenas no momento da entrevista, o que valoriza a atuação do entrevistador.

Todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente, no local de trabalho de cada editor. Nossa aposta foi a de que entrevistar os participantes em seus respectivos locais de trabalho traria ao momento da captação de informação um contexto interessante, uma vez que as perguntas eram todas direcionadas à atuação deles junto às equipes nas redações.

Cada entrevista teve o tempo médio de 1h de duração e em todas elas, as seguintes questões foram colocadas:

- Pensando na cobertura de ciência e tecnologia, como você avalia o potencial de pautas na região e o quanto isso vira matéria no seu veículo?
- Quais pautas de ciência geram mais interesse em sua opinião e por quê?

-
- Quais as principais dificuldades dos jornalistas para acessar os cientistas ou assessorias de cientistas?
 - Você teve algum contato com jornalismo científico na sua formação?

Além destas perguntas estruturadas, formulamos outras que conversam com o ambiente de cada veículo – televisão, portal online e jornal impresso. Também estudamos, previamente, o histórico do profissional entrevistado para abordar questões específicas sobre cada um.

Por último, apresentamos aos participantes da pesquisa os resultados de outro levantamento realizado em 2018 pelo Labcom Univap (BERTONE, Y, ZANVETTOR, K e BAPTISTA, C, et al), sobre a percepção pública da ciência em São José dos Campos e região. O levantamento de 2018 ouviu 235 pessoas, predominantemente jovens entre 31 e 30 anos (42,1%), identificados com o gênero feminino (74,4%), com escolaridade superior (23,11%) ou superior incompleto (43,61%), e prevalentemente são pessoas que moram na cidade de São José dos Campos e região. O objetivo era aferir qual é a percepção sobre temas relacionados à ciência. Os resultados desta pesquisa mostraram que, entre os entrevistados, 78% estão entre interessados e muito interessados em ciência e que este dado acompanha a tendência estadual, de acordo com os indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação da Fapesp (2010). Apresentamos este cenário aos editores para questionarmos: você concorda que a população tem bastante interesse em ciência?

Após realizamos todas as entrevistas, fizemos a decupagem e a análise dos resultados. Para traçar os principais pontos levantados nas conversas e pensar em padrões que se repetem e nos dizem algo sobre o nosso objeto de estudo, formulamos quatro categorias. Como forma de preservar a identidade dos entrevistados, dado que não altera o resultado das pesquisas, evitamos identificar os seus nomes e sua relação com o veículo, assim, também retiramos informações de ordem pessoal que pudessem identificar o entrevistado.

Para este artigo, enfim selecionamos três pontos que dialogam com as questões problematizadoras desta pesquisa. Quais as principais dificuldades que os jornalistas enfrentam na cobertura para que o seu resultado seja ainda tão incipiente? Há relação desta incipiência com a formação dos jornalistas de redação? E há de fato interesse público em ciência?

1) Interesse do Público

Trechos das entrevistas em que os editores nos revelam como enxergam o interesse do público dos respectivos veículos em relação à ciência;

2) Dificuldade na relação cientista-jornalista

Reflexão sobre como funciona esta relação e quais os obstáculos que encontram quando tentam este contato;

3) Assessoria de Imprensa

Percepções dos editores a respeito da assessoria de imprensa para o funcionamento do jornalismo científico;

4) Formação dos profissionais

Em que tentamos identificar padrões na formação dos três editores-chefes entrevistados.

RESULTADOS

Apresentaremos a seguir alguns dos trechos das entrevistas, separados por categorias, para analisar, a partir da teoria e com o cruzamento dos dados encontrados nos estudos anteriores (MARIOTO; ZANVETTOR, 2018), (BERTONE et al. 2018) e encontrar algumas respostas para as questões levantadas.

Interesse do Público

A seguir apresentaremos, em tabelas, os trechos das entrevistas que são relevantes para a discussão deste trabalho.

| | |
|-----------------|--|
| Editor 3 | “A pauta desses temas que valem virar notícia é quando elas interferem em algo na vida das pessoas , em seu dia a dia diretamente. Uma tecnologia que pode ser aplicada em utensílios do cotidiano ou geração de novos empregos.” |
| Editor 2 | “Geralmente, o título já é complicado, das pesquisas e tal, então a gente não entende. Com a correria do dia-a-dia, como não é segmentado... se fosse segmentado daí você vai atrás, você tem equipes pra entender e traduzir isso pro leitor. Mas no dia-a-dia, eu acho... primeiro não chega, não vem mesmo, às vezes é por acaso que a gente vê uma pesquisa legal. E se ela envolve, se ela tem um impacto no cotidiano do cidadão comum, daí a gente procura dar”. |
| Editor 1 | “E aí é difícil ele ter uma leitura mais aprofundada de uma informação científica, a não ser que seja muito ligado a ele, tenha algum impacto na vida dele . Por exemplo, se a pessoa vai viajar no feriado e quer saber do tempo, isso é interessante pra ela. Mas uma pesquisa mais aprofundada provavelmente nas plataformas digitais, não. Por exemplo: vai chover na praia? Ele está interessado”. |
| Editor 3 | “A pessoa fala que se interessa por ciência em uma entrevista, mas quando está passando uma matéria técnico científica, ela vai querer trocar de canal. A ciência |

| | |
|--|---|
| | parece um pouco mais distante da vida das pessoas do que a tecnologia. É um desafio para o jornalista tornar isso agradável para a audiência. A matéria que faz sucesso entre o público é aquela em que eles se sentem diretamente representados , principalmente quando é relacionado a emprego”. |
|--|---|

Tabela 1 – Elaborada pelas autoras

Aqui observamos que a percepção dos editores se repete em relação ao interesse do público em matérias de ciência. Os três identificam que as reportagens que mais chamam atenção dos leitores e espectadores são aquelas que se relacionam diretamente com o dia-a-dia do cidadão comum e que têm algum impacto sobre sua vida.

Eles também ficam em dúvida quanto a existir de fato um interesse público em ciência. Ao menos pela experiência empírica que eles têm do cotidiano da notícia, as informações científicas não são as mais procuradas de fato pelo público consumidor de informação. Assim, ainda que em uma pesquisa as pessoas pontuem que têm interesse em ciência, na prática do consumo de notícia elas buscam mais informações de entretenimento ou que têm conexão direta com seu cotidiano.

Ainda que o conhecimento científico sobre divulgação científica aponte que seu papel é mais apresentar o conhecimento científico como processo e não como produto acabado (REIS, 2002), a partir da reflexão dos editores, percebe-se que o interesse em ciência ainda está diretamente associado ao impacto dos resultados gerados por ela no cotidiano das pessoas. O público, pragmático, precisa materializar o impacto da ciência em suas vidas para conferir a ela importância.

Ainda fica a dúvida se o processo se dá de forma mútua: por ser, no entendimento dos editores, as notícias que têm impacto no cotidiano as que mais chamam atenção do público, são elas também que as redações mais dão ênfase para publicar e divulgar.

Dificuldade na relação cientista-jornalista

| | |
|-----------------|--|
| Editor 3 | “Como os cientistas não entendem o que |
|-----------------|--|

| | |
|-----------------|---|
| | <p>pode virar notícia, às vezes a pesquisa não chega pra gente. E quando a gente consegue ter acesso e falar com esses cientistas, eles são muito técnicos”.</p> |
| Editor 2 | <p>“E jornalista especializado em ciência são poucos jornalistas, na região nem sei quantos tem, nem sei se tem. Mas só esse ‘cara’ mesmo pra conseguir entender, não só termos técnicos, isso a gente pode até pesquisar, é o contexto mesmo”.</p> |
| Editor 1 | <p>“Você escreve para o leitor, pro ouvinte, pro telespectador. Então a necessidade de você conseguir traduzir aquilo e em uma linguagem que todo mundo vai entender. Acho que esse é o grande desafio desse tipo de segmentação. Não adianta você escrever um jornalismo econômico que só economista vai entender e que só vai chegar na conta do leitor médio do jornal. Acho que a grande questão é essa, fugir dos termos técnicos, traduzir isso. Esse é o grande desafio, principalmente na área científica. É pegar feitos científicos que são muito interessantes e tornar palatáveis. É o que difere um a divulgação científica de um jornalismo científico. Fazer com que aquilo seja um assunto de interesse do público”.</p> |
| Editor 1 | <p>“Quando a gente consegue falar do fato científico. Às vezes acontece de recebermos coisas que são muito técnicas, e às vezes é difícil você traduzir</p> |

| | |
|--|---|
| | de forma que levante o interesse do público para aquele assunto”. |
|--|---|

Tabela 2 – Elaborada pelas autoras

Os trechos selecionados apontam a linguagem científica também como uma barreira significativa para a produção de conteúdo científico. Os editores indiciam que a utilização constante de termos técnicos, que admitem ser próprio do campo científico, é uma barreira para o processo de apuração para tê-las como pauta. Neste cenário estão envolvidos alguns problemas, também levantados pelos editores. Entre eles, principalmente tempo e o fato de as redações estarem bastante enxutas.

Por conta destes fatores, eles acreditam ser pouco possível dispender profissionais e tempo de serviço para estudar, entender e traduzir pesquisas científicas em uma linguagem acessível ao público.

A questão levantada pelos jornalistas já foi bastante problematizada no campo dos estudos de divulgação científica. Issac Epstein (2002) discorreu sobre isso ao definir o conceito de Comunicação da Ciência.

“Para a maior parte da população, a realidade da ciência é aquela apresentada pelos meios de comunicação de massa. O público, em geral, conhece a ciência menos por meio da experiência direta ou educação prévia do que através do filtro da linguagem e imagética jornalística. Muitos cientistas desconfiam dos jornalistas e criticam suas reportagens por infidelidade, simplificação exagerada, ou eventual sensacionalismo. Os próprios jornalistas criticam, muitas vezes, a maneira pela qual a ciência é apresentada pela mídia. No entanto, tendem a responsabilizar suas fontes, cientistas, universidades e instituições técnicas por fornecer informações muito intrincada ou inadequada. O próprio público frequentemente reclama porque a informação científica disponível nos meios de comunicação de massa é incompleta ou incompreensível” (Epstein, 2002, p. 82).

Ainda que já bastante discutida, parece que a questão da linguagem científica é uma das problemáticas não resolvidas na realidade das redações. Por ela passa o questionamento do papel do cientista, do papel das assessorias de imprensa³ e, claro, também o papel do jornalista como produtor de comunicação científica. Em geral, os

³ Sobre a Assessoria de Imprensa da área científica aparecem muitas pontuações durante as entrevistas que serão mais bem trabalhadas futuramente, em etapa posterior dessa pesquisa, após a realização de entrevistas com os próprios assessores.

jornalistas são bem humildes ao reconhecer falhas na cobertura e refletem sobre qual seria a melhor forma de o jornalismo contribuir para a melhoria da cobertura na área.

Parece que a questão da linguagem científica rebuscada e presa na Torre de Marfim, ainda que amplamente questionada e criticada quando se trata de dialogar com o público em geral, ainda não foi superada e aparece como um empecilho na realidade da cobertura jornalística. “[...] o cientista torre de marfim, que odeia falar com a imprensa e não acredita que os jornalistas de modo geral tenham competência para escrever sobre ciência”. (OLIVEIRA, 2002).

Resta um olhar mais atento para essa problemática, talvez entrevistando os assessores de imprensa e cientista, para tentar compreender os outros pontos de vistas dos envolvidos neste processo de distanciamento.

Formação dos profissionais

Nesta categoria, percebe-se que a formação em jornalismo científico não foi vivenciada pelos profissionais entrevistados nem no período da formação inicial ou em oportunidades de formação continuada. Todos afirmam que tiveram pouco ou nenhum contato com Jornalismo Científico durante a formação acadêmica e, por outro lado, todos consideram uma formação importante e que poderia corroborar com a prática profissional.

| | |
|-----------------|---|
| Editor 1 | “Esse termo jornalismo científico, por exemplo, foi muito pouco abordado na faculdade, pelo menos naquela época. Como você disse, era um leque muito mais amplo, um cardápio muito mais amplo na área do jornalismo e, diante daquilo, você podia se aprofundar por conta própria. Mas não existia, por exemplo, uma disciplina que tratasse disso”. |
| Editor 2 | “Não. Sinceramente eu nunca tive envolvimento com jornalismo científico”. |

| | |
|-----------------|--|
| Editor 3 | "Eu não tive muito jornalismo científico na Instituição que estudei, tive mais como estagiário da na própria instituição do que uma disciplina específica. Se eu não me engano, o jornalismo científico era uma optativa, uma disciplina opcional." |
|-----------------|--|

Tabela 3 – Elaborada pelas autoras

O que aparece nas falas dos entrevistados dialoga com um estudo precedente sobre formação de jornalistas de ciência da pesquisa “O desafio da formação em Jornalismo Científico”, coordenado pela professora Graça Caldas (2005). A investigação trata de um levantamento nacional na área de Formação de Recursos Humanos em Jornalismo Científico elaborado pela Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC) e analisou, entre outras questões, as disciplinas de JC oferecidas nos Curso de Graduação em Comunicação do País.

As conclusões do levantamento mostram que, na época, dos 205 cursos de Graduação em jornalismo existentes em todo país, apenas 37 contavam com alguma atividade exclusivamente em JC. Os cursos com essas atividades também estão mais concentradas no Estado de São Paulo (sete) e Bahia (cinco); Assim, percebe-se que a grande maioria das escolas de comunicação não incorporaram as questões relacionadas ao jornalismo científico.

Ainda, em reportagem para revista Fapesp, “A Formação de Jornalistas científicos no Brasil” (Caldas; G. e Macedo, M., 1999) as autoras recuperaram diferentes experiências de formação na graduação, continuada, extensão e pós-graduação que, ainda que pontuais, foram resultados de um esforço de diferentes entidades, universidades e órgãos de classe para ampliar as oportunidades de formação dos jornalistas na área específica em jornalismo científico.

Considera-se que os entrevistados vivenciaram a realidade de formação do período estudado pelas autoras, e que não é estranho o baixo contato com conteúdos de jornalismo científico relatado já que não é uma obrigatoriedade dos cursos de comunicação, tão pouco, essas disciplinas são oferecidas pela maioria deles. Hoje, e particularmente na região estudada, esse é um dado que precisará ser atualizado e deverá ser estudado na próxima etapa da pesquisa.

Para sintetizar os resultados obtidos por meio das entrevistas, formulamos as seguintes figuras:

Dificuldades no Jornalismo Científico

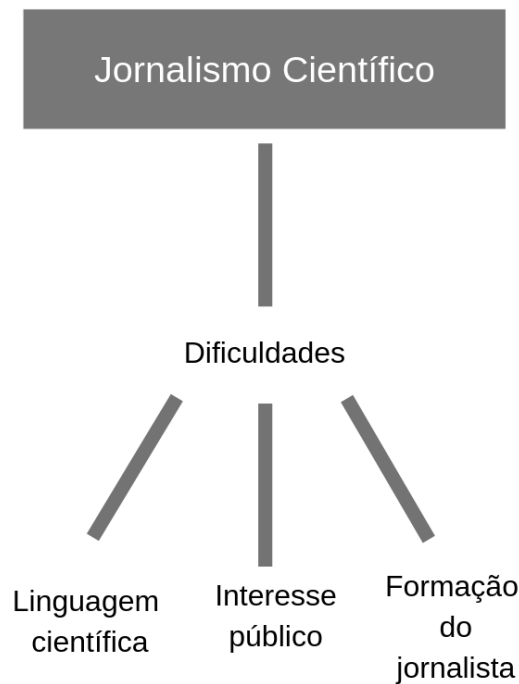


Figura 1. Elaborada pelas autoras

Aqui, enfim, sintetizamos as principais dificuldades apontadas na cobertura de ciência do jornalismo local, a partir dos relatos dos editores: a linguagem científica, altamente especializada, que dificulta a compreensão das pesquisas, inclusive, para decisão de se serão pautas ou não; o interesse público em ciência que ainda esbarra em questões sobre o viés utilitarista do consumo de informação científica e a formação do jornalista, que aponta a deficiência de políticas de formação mais consistentes nas universidades e cursos de formação continuada que permitam ao menos o contato com o debate sobre o fazer científico.

Fatores positivos ao Jornalismo Científico



Figura 2 – Elaborada pelas autoras

Nesta figura, mostramos os dois tópicos que podem ser positivos no fazer jornalismo científico a partir de tudo que foi analisado por meio das entrevistas, reflexão teórica e cruzamento com os demais dados da pesquisa em andamento. O interesse público, uma vez que identificamos que as pessoas têm interesse em pautas científicas, ainda que este interesse seja permeado de contradições e seja muito pontuado em uma perspectiva utilitarista da ciência há uma esperança que, ao trabalhar a linguagem correta e ampliar o espaço para essa cobertura exista uma resposta positiva e de aumento do interesse público.

Consideramos que outro ponto forte é o espaço que se abre para a formação continuada do profissional, que ainda que não tenha tido contato com a formação em Jornalismo Científico, reconhece a importância dessa formação. Assim, a ampliação de cursos de formação continuada por instituições que tem responsabilidade com o desenvolvimento científico parece ser uma boa solução para qualificar a curto e médio prazo a cobertura científica na imprensa local.

CONCLUSÃO

Recuperando o que diz Castelfranchi (apud Dias e Almeida, 2009), o Jornalismo Científico é mais do que reportar, vai além disso, no objetivo de colocar a ciência como objeto que inspira uma perspectiva crítica, divulgando-a como um processo que é passível de acertos, erros e em constante desenvolvimento. Como afirma Mirsky (apud

OLIVEIRA, 2002), “fazer jornalismo científico é o privilégio de ser porta-voz da fronteira do conhecimento humano”.

Com isso, o profissional de Jornalismo Científico precisa ser preparado para ter essa visão crítica da ciência e não ser apenas repetidor de informação. Dentro deste contexto e a partir dos resultados obtidos com este trabalho, concluímos que há, por parte dos jornalistas entrevistados, o reconhecimento dessa importância da cobertura da área e, por outro lado, o reconhecimento da insuficiência da cobertura atual nos veículos que atuam.

Contudo, há também uma problematização que não pode deixar de ser considerada sobre a linguagem científica, ainda muito pouco acessível por parte da comunidade científica que atrapalha o desenvolvimento de conteúdos que gerem interesse público.

Por fim, mas não menos importante, a falta de uma formação específica na área continua sendo uma deficiência sentida, reconhecida, e questionada pelos profissionais que estão no dia-a-dia da redação. Assim, pensa-se que uma estratégia importante é incluir na pauta das instituições científicas cursos de formação continuada para jornalistas em ciência.

Para problematizarmos a questão da formação, os próximos passos da pesquisa irão além da visão dos editores: entraremos nas redações de fato para compreender a formação, a atuação e o perfil de todos os jornalistas dos principais veículos de imprensa do Vale do Paraíba.

Outro possível desdobramento da pesquisa é partir para uma investigação que verifique se o acesso às matérias de ciência, medidos por cliques, correspondem ou se aproximam do percentual de pessoas que se dizem interessadas ou muito interessadas na área.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BERTONE, Y, ZANVETTOR, K e BAPTISTA, C, et al, **Percepção pública da ciência: um olhar para o cenário de São José dos Campos e região**. Projeto do Labcom Univap. São José dos Campos, Univap: 2018.

-
- CALDAS, Graça et al. **O desafio da formação em Jornalismo Científico**. Compós: Associação Nacional dos programas de Pós Graduação em Comunicação, Rio de Janeiro, p.1-15, 2005. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_845.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2019.
- CALDAS, Graça; MACEDO, Mônica. **A formação de jornalistas científicos no Brasil**. 1999. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/1999/10/01/a-formacao-de-jornalistas-cientificos-no-brasil/>>. Acesso em: 11 abr. 2019.
- DIAS, R. e Almeida, M. **Especificidades do jornalismo científico na leitura de textos de divulgação científica por estudantes de licenciatura em física**. Revista Brasileira de Ensino de Física, 31, 4, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbef/v31n4/v31n4a13.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2016
- FAPESP, 2010 **Percepção pública da ciência e da tecnologia no Estado de São Paulo: Indicadores de ciência, tecnologia e inovação em São Paulo**. Fapesp: 2010.
- HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- EPSTEIN, Isaac. **Divulgação Científica: 96 verbetes**. São Paulo: Ática, 2002. v. 1. 287p.
- MARIOTO, Yasmin; ZANVETTOR, Kátia. **Imprensa e CT&I no Vale do Paraíba: uma análise do jornalismo científico na região do Vale do Paraíba**. Intercom, Belo Horizonte, p.1-11, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1568-1.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2019.
- MINAYO, M.C. DE S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.
- OLIVEIRA, F. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.
- REIS, J. Pontos de Vista: José Reis. In: MASSARINI, L. e MOREIRA, C. e BRITO, F. (Org.). **Ciência e Público – caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002.
- ZANVETTOR, K. **CT&I em notícia: a divulgação científica e o seu impacto na sociedade na região do Vale do Paraíba**. Projeto edital universal 2014. São José dos Campos, CNPQ: 2014.